

O PROGRESSO

Orgão Litterario e Scientifico

DO COLLEGIO S. PEDRO DE ALCANTARA

REDACÇÃO: -- RUA DE S. CLEMENTE N. 30

REDACTORES: — Manoel M. Couto, Theodoroto de Faria Souto, Carlos Domingues, Francisco M. Couto, Pedro A. Suele, Franklin A. Duarte e Luiz Paret

Anno 1

Rio de Janeiro, 30 de Setembro de 1836

Num. 8



O PROGRESSO

28 de Setembro

Não ha quem ao folhear as paginas da nossa historia não encontre esta memoravel data como emblema da sua redempção social.

Felizmente ha já hoje um forte partido abolicionista que com a sua bandeira agasalha e protege essa pobre gente Africana que, felizmente, de instante a instante, esta caminhando para a luz, devido isto a homens energeticos e dotados de patriotismo.

O primeira partido politico que deu um passo agigantado para a libertação dos escravizados foi o Conservador, quando se achava no poder; era então presidente do conselho de ministros o eminente estadista, de saudosa memoria, José Maria da Silva Paranhos, Visconde do Rio Branco.

Foi este athleta da tribuna e da imprensa que nos legou a lei de 28 de Setembro de 1871 que jamais será esquecida entre o povo brasileiro.

Rio Branco era digno de um templo porque veio pôr termo á vergonha da sua patria e dar uma prova sincera de que no seu paiz ainda havia um homem que tinha o cerebro allumiado pelo Sol da liberdade, e que comprehendia perfectamente que a escravidão não é

propria do seculo XIX, seculo de luzes.

Infelizmente ainda podemos apontar homens instruidos e estadistas de grande talento que são proselytos d'esta seita: a escravidão.

Esta miseravel seita já devia estar esconjurada ha muito tempo; mas assim o querem assim o têm.

Já chega: occultemos tudo isto, vamos chorar as nossas vergonhas.

Terra Negra! até quando pretendes tu ficar adormecida n'este leito de vergonhas?

M. M. Couto

A Abolição

(Continuação)

Encaremos por um momento a horrorosa scena de que a Parahyba do Sul foi theatro, sendo a principal personagem a policia do Sr. Rocha Leão.

Este drama edificante, tão conhecido dos nossos leitores, condemna o paiz onde se deu e nos faz crer que estamos no tempo da luctação.

Um facto como este, succedido no seio d'um imperio que se diz civilizado, bem perto de sua capital e debaixo do oculo de Sua Magestade o Imperador, não deve passar desaperecido pelos olhos do Estado.

Foram victimas d'essa medonha tortura judicial quatro escravos: dois calicam os humes debaixo do azorrague do carrasco e os outros

dois, aos quaes o açoite não conseguiu abater, ainda soffrem hoje das profundissimas chagas produzidas pelo chicote do miseravel executor.

E' dever de todo o cidadão justo e amante da sua patria clamar insistentemente contra esse vandalismo que muito nos compromete ante os olhos do mundo civilizado.

Os altos poderes do Estado não ignoram esta barbaridade, mas até hoje nem uma providencia se tem dado.

Pobre paiz! victima da prepotencia negra! !!

Miseravel situação!!!

Cada cidade do Imperio é um castello feudal, onde imperam verdadeiros barões, que dominam a auctoridade que venalmente se lhes submete ali elles exercem sobre os desprotegidos da fortuna e sobre os escravizados a maior oppressão que se pôde imaginar.

Tudo isto concorre para a ruina do imperio.

Um dia chegará em que cairão por terra os castellos onde se acha encaixada a escravidão no som da trombeta da legião abolicionista.

K. Liso

(Continua)

A Civilização dos Indigenas do Brazil.

(Vide o n. 6.)

Tudo quanto ha na capitania do Pará, tirando as terras, não vale 10.000 cruzados, como é notorio, e desta terra ha de tirar N. do N. de 100.000 cruzados, em tres an-

nos, segundo se lhe não vão logrando bem as industrias.

Tudo isto sai do sangue e do suor das tristes l'írias, nos quaes tracta como l'íria escravo sem que nenhuma ten liberdade nem para deixar de servir a elle, nem para poder servir a outrem; o que, além da injustiça que se faz aos indios, é occasião de padecerem muitas necessidades os Portuguezes, e de perecerem os pobres.

Em uma Capitania destas confessei uma pobre mulher, das que vieram dos Ilhas, a qual me disse, *com muitas lagrimas, que de nove filhos que tivera, elle morceram, em tres mezes: cinco filhos, de uma fome e desamparo; e consolando-a eu, pela morte de tantos filhos, responderam-me: «Pai, não são esses os porque eu choro, senão pelas quatro que tenho vivas sem ter com que sustentar, e peço a Deus, todos os dias, que m'os leve também.»* São lastimosas as taíserias que passa esta pobre gente das Ilhas; porque como não tem com que agradecer, se algum Indio se reparte, não lhe chega a elles, senão aos poderosos, e é esta um desamparo a que Vossa Magestade, por piedade, deverá mandar acudir com effeito; mas também a isto se acode nos Capitulos d'um papel, que com esta vai.

Tornando aos Indios do Pará, aos quaes, como dizia, se serve quem alli Governa, como se fossem seus escravos, os traz, quasi todos, occupados em seus interesses, principalmente no dos tabacos, obrigando-me a consciencia a manifestar a Vossa Magestade os grandes peccados, que, por occasião deste serviço, se commettem.

Primeiramente nenhum destes Indios *vao senão violentado, e por força; e o trabalho é excessivo e em que todos os annos morrem muitos, por ser venenosissimo o vapor do tabaco; o rigor com que são tratados, e mais que d'escravos; os nomes que lhes chamam, e que elles muito*

santem, vassimos; o como é que si nenhum; a paga tão limitada que não satisfaz a menor parte do tempo, nem do trabalho, e como os tabacos se lavram sempre em terras fortes e novas, e muito distantes das Aldeas, estão os Indios ausentes de suas mulheres, e ordinariamente elles e ellas em máo estado, e os fillos sem quem os sustente; porque não tem os Pais tempo para fazer suas roças, com que as Aldeas estão sempre em grandissima fome e miséria.

Assim que, Senhor, consciencia e mais consciencia é o principal e unico talento, que se ha de buscar aos que viciem governar este Estado.

Si houvesse dous homens de consciencia, e outros que lhes succedesse, não haveriam inconvenientes de estar o Governo dividido. Mas se não houver mais que um, venha um que governe tudo, e trate do serviço da Deus e da Vossa Magestade, e se não houver nenhum, como até agora parece que não houve, não venha nenhum, que melhor se governará o Estado sem elle que com elle; se para a justiça houver um letrado recto, para o politico basta a Camara, e para a guerra um Sargento-mor, e esse dos da terra e não d'Elves, nem de Flandres; porque este Estado, tendo tantas legoas de costa e de Ilhas e de rios abertas, não se ha de defender, nem pode, com Fortalezas, nem com Exercitos, senão com assaltos, com canoas, e, principalmente, *com Indios*, e esta guerra só a sabem fazer os moradores, que conquistaram isto, e não os que vêm de Portugal.

Aqui ha homens de boa qualidade, que podem governar com mais noticia, e também com mais temor; e ainda que tratem do seu interesse, sempre será com muito maior moderação, e tudo o que grangearem ficará na terra, co-

que ella se irá augmentando; e se destruoarem as herdades será como Donos e não como Rendeiros, que é o que fazem os que vêm de Portugal.

Mas uma vez que os Indios estiverem independentes dos Governadores, arranca-se esta raiz, que é o peccado capital original deste Estado, cessarão também todos os outros que d'elle se seguem, e Deus terá mais motivo de nos fazer mercê.

MANUEL M. COUTO

(Continua)

Causas principaes da decadencia das finanças do Brazil

A indifferença dos nossos ministros para este ramo importantissimo da publica administração é uma das causas que mais contribuem para o atraso em que se acham as nossas finanças: ellas são quasi sempre levadas pela influencia politica e pelo empenho de alguns cidadãos que muitas vezes não olham para os interesses de sua patria mas para os seus proprios.

Até hoje no nosso paiz ainda se não concebeu um bom plano de estradas de ferro.

Por ventura essas immensas riquezas que existem no nosso territorio não poderiam ser exploradas e trazidas aos nossos portos por meio deste excellente artefacto, e portanto dando um grande impulso as nossas finanças?

O nosso diuheiro é empregado não raro em estradas de ferro que percorrem terrenos estereis e despopulados, não dando na mór parte das vezes nem sequer para as despesas.

A unica provincia do nosso paiz que a este respeito pode vangloriar-se é a de S. Paulo.

As suas estradas dão grandes rendas; mas qual a razão? nada

mais simplos — porque as estradas quasi todas pertencem a particulares, capitalistas que não empregam o seu dinheiro em cousas infructíferas, e porque não as fazem atravessar logares inteiramente improductivos e desertos.

Os nossos governantes pouco se importam de assignar contractos e dar garantias a via ferrée que nada dão e mesmo não têm futuro; mas supponhamos que tivessem futuro, não precisamos de estradas para o futuro; primeiramente aquellas que nos trazem auxilio immediato e depois as outras.

Contrahir empréstimos e apenahar por eles o poder do Estado que já se não acha em boas condições tal é a meta dos nossos governantes.

Em qualquer outro paiz civilisado não se commettiam os abusos que aqui se praticam.

Nos Estados Unidos, na Inglaterra, paizes riquissimos, é raro ver-se gastar um real em cousas infructíferas, e é por isso que elles não soffrem vergonhas, contrahindo a todo o momento empréstimos; no nosso paiz desgraçadamente tudo se faz ao contrario; gasta-se muito em cousas inúteis.

Se qualquer estrangeiro nos faz uma pergunta a respeito do modo por que correm os nossos negócios, a nossa resposta é aquella vergonhosa phrase que todos nós conhecemos perfeitamente: *o nosso paiz é muito novo* — phrase que nada significa, pois que podemos nos confrontar com os Estados Unidos, que tambem são um paiz novo; mas devemos substituir aquella phrase por esta: *no nosso paiz não ha periculosamente hommas patriotas, sinceros e que calem pelos nossos interesses.*

Basta somente dizermos duas cousas: *que no nosso paiz as eleições não são feitas tal qual a vontade do povo, que aqui todos os cultos religiosos não são permittidos, e apenas tolerados.*

A nossa assembléa geral, em vez de tratar dos negócios concernentes ao Estado, occupa-se de questões individuaes; parece que os nossos politicos nunca seguiram um dos princípios fundamentaes da lei de Sócrates: *o dever...*

Mas voltemos ao assumpto.

Não sabemos de que modo os que nos governam gastam tanto dinheiro e todo muito mal; e uma das causas disto é a condescendencia dos nossos estadistas, que muitas vezes esquecem os seus deveres para se deixarem guiar pelos empenhos e pelo filhotismo.

Finalmente, calem-nos ante muitas vergonhas que poderíamos enumerar; são tão negras quanto desmoralisadoras para um paiz como o nosso, que pretende trilhar *a senda do progresso com a escravidão e com tantas erros e fraquezas.*

Podemos enganar-nos: em quanto não houver estadistas patriotas e que velem pelos negócios de seu paiz, havemos de ser um povo atrasado.

Manoel Marques Couto.

A EMANCIPAÇÃO

Para vergonha nossa este phantasma horrendo ainda conserva a sua tenda plantada no solo brasileiro.

Grande é ainda a legião, cujo intuito é proteger esta miseria instituida pela sede do ouro, mas de dia em dia esta legião vai se tornando fraca, ameaçando desmoronar-se de um momento para outro.

A posição dos que governam na resolução d'este problema é vacillante.

Os opprimidos pela escravidão esperam ansiosos o dia em que seja arvorado no Brazil o estandarte da redempção.

Quas scenas commoventes e ao mesmo tempo irrisorias são estas

que estamos a presenciar todos os dias!!

O governo não poupa um momento para espancar a liberdade e cuspir no rosto da nação.

O abolicionismo essa pleiade de corações que, palpitando pela liberdade e ao mesmo tempo indignados deante dos tenebrosos espectaculos de que são victimas os pobres escravos, não cessa tambem de clamar contra essa prepotencia.

Enquanto o governo não ousava atacar de frente a liberdade, os abolicionistas eram poucos; mas, desde o momento em que elle, esquecendo que tem de prestar contas de seus actos á Historia, provocou a luta, ergueu-se uma multidão de patriotas para combater em prol da liberdade.

Travou-se então uma horrivel luta entre os abolicionistas, representantes do direito ultrajado, e os escravocratas, representantes da prepotencia e da avidez.

Qual será o vencedor e o vencido?

O futuro nol-o dirá, ou antes, vol-o dirá, senhores, escravocratas, porque a nós, já a legitimidade da causa dos párias nos dá a segurança da victoria inevitavel.

PEDRO A. STULB

O PAIZ

Completa no dia 1.^o de Outubro o seu 2.^o anniversario *O Paiz* um dos primeiros órgãos diários do Brazil.

Não houve até hoje jornal que em tão poucos annos de existencia tenha progredido tanto como este, debaixo de todos os pontos de vista.

As suas columnas fulguram com os mais bellos artigos, traçados por mestres do jornalismo brasileiro: Quintino Bocayuva, Joaquim Nabuco, Joaquim Serra, Leitão, Pereira da Silva e França Junior, etc. Ao nobre collega as nossas res-

peitosas saudações e votos sinceros para que trilhe sempre, como até hoje, uma estrada semeada de louros.

Participamos aos nossos leitores que começam a fazer parte do nosso humilde órgão como redactores os Srs. Franklin Arthur Duarte, Luiz Paret e Pedro Alberto Steele.

RECEPÇÕES

Racemos e agradecemos a visita dos seguintes collegas:

Revista do Ensino.—Esplendido órgão quinzenal, que acaba de apparecer na cidade de Ouro-Preto.

Longa existencia e boa acção é o que lhe desejamos ardentemente.

O Cherubim.—Este excellente órgão dedicado ao bello sexo completou no dia 13 do corrente o seu 2º. anniversario. Pelo que vemos, o nosso distincto collegacreou mais vitalidade, pois que, de pygmeu, foi de um passo, a gigante. Nossos sinceros parabens.

Gazetinha.—(Juiz de Fora). O nosso mui nobre collega offerece textos de litteratura suave e amena aos seus leitores.

O Pygmeu.—Traz bellos artigos litterarios, bem elaborados.

O Merito.—D'esta vez o collega não quiz pôr as manguinhas de fora, comendo nos dâ artigos dignos de apreciação.

O Baluarte.—E' um novo campo que acaba de surgir no mundo jornalístico.

Que trilhe a senda do progresso é o que nós sinceramente desejamos.

O Imparcial.—Órgão do Gremio Litterario Pedro de Abreu, redigido por uma pleiade de jovens esperançosos.

O Pensador.—Órgão Litterario, Scientifico e Noticioso.

O collega nos pede desculpas de não ter dado noticia do nosso jornal, em consequencia de ter chegado muito tarde ás suas mãos; creia o collega que por isso não ficaremos zangados.

O Trabalho.—Magnifico.

O Mundo Novo.—O collega vem de lá, de Thorezina, como o pequeno pollegar com as botas de sete legoas do lobishomem.

O Aspirante.—(S. Paulo). Pela primeira vez fomos visitado pelo amavel collega.

O Meteor.—Cada vez o collega vae criando mais animo.

O Papagaio.—Periodico chistoso e noticioso, que *palra* na cidade de Maceió.

O collega visitou-nos pela primeira vez. Bem vindo.

O Passaro.—Órgão recreativo, litterario e noticioso, que se publica na cidade de Leopoldina. São seus redactores os Srs. Vianha Lessa & Gama.

O Seculo XIX.—Excellent publicação, que se edita na esperancosa cidade de S. João do Rio Claro: é órgão de uma associação litteraria.

O Relampago.—(Côrte) Agencia Commercial Portuguesa.

Gazetinha.—(Santos) Boa.

A Moreninha.—Órgão litterario e recreativo dedicado ao bello sexo.

O Tempo.—Periodico hebdomario, Litterario, Critico e Noticioso. Boa leitura nos offerece o collega.

Barão de Macahubas.—O numero que temos á mão é como

morativo do anniversario do mui digno educador o Sr. Barão de Macahubas.

Diario de Sorocaba.—Excelente jornal que se publica na famosa Sorocaba.

Mais uma vez agradecemos sinceramente a visita diaria do collega.

Gazetinha.—(Guaratinguetá) Boa. Pedimos ao nosso amavel collega que não nos encarregue da sua distribuição visto que nos é muito incmodo fazê-la.

O Pitangui.—Semanario critico, litterario e noticioso, que se publica em Pitangui.

A Revista Federal.—E' este o nome de um esplendido órgão do partido republicano Rio Grandense, que se publica n'esta cidade. E' bem elaborado, sendo os seus artigos todos dignos de apreço.

O Mineiro.—Magnifico. Traz um bom artigo, intitulado «Os dois milhões.»

O Arauto de Minas.—Órgão do partido conservador, publicado na cidade de S. João d'El-Rei.

O Pequeno Jornal.—Muito bom.

A Gazeta da Bocaina.—Optima.

A Gazeta de Valença.—Esplendida.

A Evolução.—Excellent órgão que se publica na terra da goiabada.

O Rezendense.—O seu artigo de fundo trata da immigração.

O Progresso.—(Guaratinguetá) Muito bom.

A Tribuna de Paraty.—Boa.

O Aspirante.—(Juiz de Fora) Muito bem escripto.

A Matraca.

Fy. Cosmopolita R. de S. Pedro, 109